

A EDUCAÇÃO FORMAL É UM DIFICULTADOR NO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL?

ZIPPEL, Mateus; Licenciando Pedagogia
Faculdade Descomplica
mateuszipel@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho traz reflexões sobre a experiência no ensino de música em espaço não formal com base nas dificuldades da formação artística: musical defronte à sobrecarga de atividades e prioridades do educando com ensino formal. A proposta é uma reflexão crítica baseada na experiência do autor como professor do Coletivo Ondas Musicais. O Coletivo sediado no Centro Cultural Oscar Romero, uma associação comunitária, localizada em Mesquita no RJ e com mais de 30 anos de existência.

A música é um instrumento artístico muito sofisticado que exige persistência, prática constante, desenvolvimento crítico e criativo. Então, neste processo de aprendizagem musical o educando se faz autônomo e ponto central da sua educação.

Sendo a música uma das 7 grandes artes, ela se insere tanto nos espaços definidos formais, englobada no ensino das Artes, como também nos não formais. A definição do conceito de educação não formal baseia-se em estudos no âmbito teórico e prático, voltadas para uma análise nacional.

A definição da Gohn (2008, p. 7), caracteriza a educação não formal como um campo novo estruturado e que aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e outras entidades.

Para Brembeck (1978), no olhar da educação formal: “a estrutura do que é desenvolvido e os programas que são planejados possuem um caráter acadêmico, teórico, visível e fixado em um local.” Pois ela é uma estrutura organizacional e planejada sistematicamente. A ideia é apresentar a educação não formal como campo conceitual, defendendo sua autonomia e independência, pois a escola não constitui centralidade, tornando-se mais um ponto, mais uma variação do fazer educativo no amplo que complementam o processo de aprendizagem.

A Gohn (2007, p. 14) elucida que a formação da educação não formal não trabalha só a inclusão social, mas acolhe tanto a aprendizagem de ordem subjetiva-relativa até no campo emocional e cognitivo como a aprendizagem de habilidades manuais, corporais, técnicas.

A metodologia utilizada parte das observações do autor, que no ano de 2017 a 2019 foi professor de violão e musicalização no Coletivo Ondas Musicais. O artigo dará luz ao debate crítico sobre a postura de algumas instituições de ensino formal,

que devido à sobrecarregar os educandos com avaliações e trabalhos para casa, impossibilita-os de praticarem e desenvolverem outras capacidades educacionais que exigem tempo e dedicação.

O trabalho se dará também a partir das referências de autores que abordam questões como: a educação não formal (Maria da Glória Gohn); Educação como prática de reflexão crítica (Paulo Freire); Educação musical com função social (Maura Penna)

Conclui-se neste processo de ensino-aprendizagem alguns percalços graves, como: Pouca estimulação familiar; Aparelhos eletrônicos, videogames, redes sociais, tv; Também a alta cobrança no ensino regular-formal no educando, quando adulto é ligado a escassez de tempo devido a trabalho.

De acordo com Paulo Freire (1968), esta escola que enche de tarefas o educando, impossibilitando ele de praticar outras atividades educacionais fora do ambiente escolar, não passa de uma educação “bancária”. De nada adiantará se o aluno não estiver liberto e nem lhe é permitido libertar-se.

A prática de um instrumento disputa diretamente com tempo que lhe sobra para lazer, como celular e tv. Assim sendo injusto exigirmos que o educando se sobrecarregue ainda mais. A prática de uma técnica artística exige treino diário e constante, mas os alunos se queixam de não ter tempo para treinar pois estão estudando para testes, provas e trabalhos.

As questões sobre o tema ainda continuam abertas, para levar o debate tanto no âmbito escolar como no campo acadêmico. Por que o aluno tem tanto dever de casa, já que passa horas na escola? É justo pedir ao aluno que tire um tempo de seu lazer para prática musical? Quantidade de avaliações ajudam a educação formal ou só atrapalham a não formal? Teremos grandes instrumentistas e virtuosos saindo de ambientes não formais no futuro já que os alunos não têm tempo para praticar? Ou a falta de tempo seria apenas a maquiagem para um desinteresse dos alunos?

Palavras-chave: Educação formal e não formal; ensino artístico; autonomia.

Referências Bibliográficas

BREMBECK, Cole. Formal education, non-formal education, and expanded conceptions of development. Occasional papers non formal education. Michigan: Institute for International Studies in Education, 1978

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Não fronteiras: universos da educação não formal. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2007

PENNA, Maura. Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 13, 7-16, set. 2005